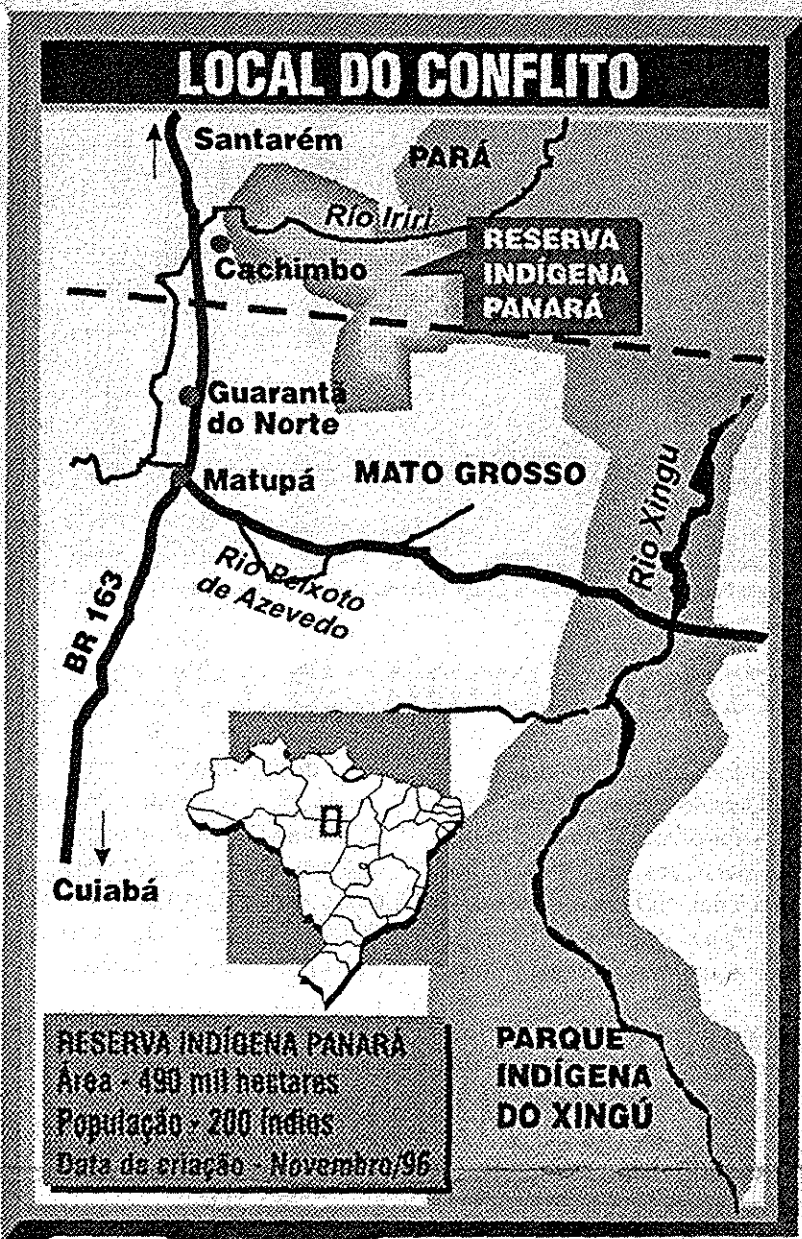


QUESTÃO INDÍGENA *kk64*

Fazendeiros de Guarantã acusam panarás de saquear 4 propriedades

Administrador da Funai não confirma saque, mas alerta para revolta dos índios com a não demarcação física de sua reserva



JOANICE PIERINI
Da Reportagem

Fazendeiros de Guarantã do Norte, a 714 quilômetros de Cuiabá, denunciaram ontem que viveram um final de semana de terror nos últimos sábado e domingo. Cerca de 50 índios da Reserva dos Panarás, armados com escopetas calibre 12 e revólveres, teriam saqueado quatro propriedades numa espécie de "arrastão". O Instituto Sócio-Ambiental (ISA), uma entidade não governamental que dá assistência aos panarás, afirma que os fazendeiros estão invadindo a reserva para extração de madeiras nobres.

Segundo informações de Fernando Garcia, proprietário da Fazenda Ipiranga, a primeira a ser saqueada, desde a última quarta-feira os índios vinham ameaçando entrar nas fazendas. A investida contra as propriedades, no entanto, aconteceu sábado. "Eles estavam armados até os dentes e muito agressivos", descreveu, com base no que relatou o caseiro que mora na fazenda. Na Ipiranga, os índios mataram animais domésticos, envenenaram poços artesanais e jogaram no lixo alimentos estocados.

A mesma prática teria sido adotada nas fazendas Santa Luzia, Chapadão e Bela Guarantã. Além de matança de animais — pelo menos 10 cabeças de gado — os índios

teriam quebrado um gerador de energia, roubado ferramentas, colchões, fogões e aterrorizado os funcionários das fazendas, ameaçando espancá-los. Segundo Garcia, os panarás estão acampados numa área próxima às fazendas, armados, impedindo a passagem.

A Delegacia de Polícia de Guarantã do Norte, segundo Fernando Garcia, não quis registrar queixa de roubo e saque alegando que o problema de conflito de terras entre os índios e os fazendeiros é de responsabilidade da União, e da Polícia Federal.

TENSÃO

O administrador regional da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Colider, Megaron Txucarmãe, afirmou ontem no final da tarde que, ao contrário dos que os fazendeiros afirmam, apenas duas fazendas foram "visitadas" pelos índios. Ele disse ainda que os panarás de fato roubaram alguns utensílios, e estão armados, mas não têm intenção de matar ninguém. "Eles só querem colocar os madeireiros que estão acabando com tudo na reserva pra correr", afirmou.

Segundo o administrador regional, a Polícia Federal já foi avisada pelo órgão do clima de tensão na reserva. "Na última sexta-feira mandamos um documento para a Funai de Brasília solicitando que providências sejam tomadas", afir-

mou. Megaron disse ainda que já manteve contato com alguns fazendeiros, que negaram estar se armando para revidar a investida dos panarás. "Estamos agora aguardando que as autoridades tomem alguma iniciativa para evitar novos conflitos", afirmou.

DEMARCAÇÃO

O grande ponto de polêmica entre os fazendeiros e os índios está acerca da demarcação do território. A reserva, com 490 mil hectares, foi determinada por uma portaria do ministro da Justiça, Nelson Jobim, de 1º de novembro de 1996. Segundo o coordenador do ISA, André-Villas Boas, 30% da área da Gleba Iriri — que pertenciam ao Incra, mas onde ainda não havia nenhum projeto de colonização — passaram a ser território panará.

O mesmo processo de transferência de terras, da União para a União, aconteceu no Pará, onde parte da Base Aérea do Cachimbo também se transformou em reserva. "Em Mato Grosso os fazendeiros grilaram terras do Incra e agora querem roubar as terras indígenas", denuncia. Villas-Boas afirma ainda que os fazendeiros não possuem nenhum documento que comprove a titulação das terras. Os proprietários rebatem as declarações afirmando que estão na área desde a década de 80, e são, portanto, os proprietários.

Demarcação física ainda não foi feita

Da Reportagem

Apesar da demarcação do território já ter sido feita por portaria, até hoje a demarcação física — com picadas e estacas na mata em 377 quilômetros de perímetro — ainda não aconteceu. Em Cuiabá, a Funai informou ontem que o processo burocrático para contratação da empresa, que está sendo feito pelo Programa de Desenvolvimento Agroambiental (Prodeagro), deve estar concluído em 60 dias. A previsão é de que os trabalhos tenham início já em 1998.

O território panará tem 490 mil hectares, dos quais somente cerca de 30% em Mato Grosso, e o restante no Pará, região da Serra do Cachimbo. Na reserva moram hoje 200 índios, que mantêm contato principalmente com o ISA. Segundo Villas-Boas, desde 1993 o Instituto desenvolve um trabalho de apoio à população, que visa auxiliar no processo de consolidação do território, e conseqüentemente da cultura. Os projetos da entidade não governamental incluem assistência médica e programas de saúde, auxílio para transporte e orientação agrícola. (JP)

Índios revidam invasão, diz Ong

Da Reportagem

O coordenador do Programa Xingu, do Instituto Sócio-Ambiental (ISA), André Villas-Boas, afirmou ontem para o DIÁRIO que os índios panarás estão fortemente armados para garantir a posse da reserva. "São índios guerreiros, que lutam por território próprio", descreve. Segundo Villas-Boas, a investida dos índios contra os fazendeiros foi uma reação à invasão cada vez mais intensa da área, principalmente para extração de madeira nobre.

Nos últimos três anos, o assédio dos fazendeiros à reserva tem sido cada vez mais intenso. "Agora eles começaram a tentar aliciar os índios e índias mais jovens, como forma de se aproximar da tribo. Os panarás mais velhos ficaram revoltados e decidiram revidar", explica. Além disso, segundo Villas-Boas, os índios estão revoltados com o governo, que demarcou o território através de uma portaria em novembro do ano passado, mas não fez a demarcação física da reserva. (JP)

Geraldo Tavares/DC



Megaron, da Funai/Colider: "panarás querem botar fazendeiros pra correr"

Ida para o Xingu não teve sucesso

Da Reportagem

Os índios panarás ficaram nacionalmente conhecidos na década de 70, quando o governo federal decidiu abrir a estrada Cuiabá-Santarém. Mas dados antropológicos dão conta de que eles são descendentes dos kayapós do sul, que falavam uma família da língua jê, e habitavam do norte de São Paulo até Mato Grosso. Com o ciclo do ouro, no século XVIII, eles acabaram sendo empurrados para a mata amazônica.

Os primeiros contatos com os índios panarás, durante a construção da rodovia, foram os mais fotografados da antropologia brasileira. Motivo: acreditava-se que eles eram de grande estatura, "os gigantes". Depois que foram localizados, quando eram cerca de 400, chegaram as doenças. Em 1975 existiam apenas 79 mendigando esmolas na estrada. A Funai decidiu então levá-los para o Parque Nacional do Xingu para juntarem-se a outras tribos, numa viagem de avião que ficou na história. A adaptação ao Xingu, no entanto, acabou não acontecendo. No Parque, eles se uniram novamente, e em 1994 voltaram para Guarantã. (JP)